

O animal de estimação como agente na estimulação da mobilidade humana

The pet as a stimulation agent in human mobility

La mascota como estimulador de la movilidad humana

Recebido: 09/09/2022 | Revisado: 19/09/2022 | Aceitado: 20/09/2022 | Publicado: 28/09/2022

Jorge Luiz de Andrade Trindade

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6864-158X>
Universidade Feevale, Brasil
E-mail: jorge.trindade@mail.com

Bianca dos Reis

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0550-9960>
Universidade Feevale, Brasil
E-mail: bia1454@gmail.com

Caroline Neves Alves Tcatch

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1720-2800>
Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Brasil
E-mail: ctcatch@hcpa.edu.br

Alexandre Simões Dias

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0609-4779>
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
E-mail: asdias@hcpa.edu.br

Resumo

A convivência entre homens e animais existe desde os primórdios, e essa interação vem crescendo muito nos últimos anos. Embora, no passado, o animal fosse utilizado apenas para pastoreio e guarda na comunidade rural, é possível hoje observá-los vivendo com as pessoas dentro de suas casas e sendo considerados membros da família, na cidade e no campo. Nesse contexto, este trabalho teve como objetivo avaliar a interferência do animal doméstico na estimulação da mobilidade de pessoas residentes em um município do interior do Rio Grande do Sul. Para tanto, foi utilizado um delineamento observacional descritivo de análise qualitativa. Participaram desta pesquisa 19 tutores, selecionados no cadastro de vacinação de um serviço veterinário, no segundo trimestre de 2019. Estes colaboradores, com idades entre 22 e 75 anos se identificaram como 15 do sexo feminino e quatro do sexo masculino; referiram diversos arranjos conjugais, sendo predominante casados. Através de uma entrevistada semiestruturada, audiogravada e transcrita posteriormente de forma textual, realizou-se a análise de conteúdo para discussão dos resultados. Onde se distingue cinco categorias de análise: Motivação na aquisição do pet, interação, sentimento, percepção da saúde e mobilidade. Observa-se no desfecho do estudo que o animal de estimação faz parte das rotinas diárias das pessoas e sua influência é essencial em vários aspectos, em especial, quanto à mobilidade, pois a inclusão do pet no convívio familiar traz responsabilidades em virtude de cuidados e gera maior movimentação para realizá-las, fato observado com crianças, adultos e idosos.

Palavras-chave: Animais de estimação; Interação humano-animal; Atividade motora; Atividades físicas.

Abstract

The coexistence between men and animals has existed since the beginning, and this interaction has grown a lot in recent years. Although, in the past, the animal was used only for grazing and guarding in the rural community, it is possible today to observe them living with people inside their homes and being considered family members, in the city and in the countryside. In this context, this study aimed to evaluate the interference of domestic animals in stimulating the mobility of people living in a city in the interior of Rio Grande do Sul. For this purpose, a descriptive observational design of qualitative analysis was used. 19 tutors participated in this research, selected from the vaccination record of a veterinary service, in the second quarter of 2019. These employees, aged between 22 and 75 years, identified themselves as 15 female and four males; mentioned several marital arrangements, predominantly married. Through a semi-structured interview, audio-recorded and later transcribed in textual form, a content analysis was carried out to discuss the results. Where five categories of analysis are distinguished: Motivation in the acquisition of the pet, interaction, feeling, perception of health and mobility. It is observed in the outcome of the study that the pet is part of people's daily routines, and its influence is essential in several aspects, especially regarding mobility, since the inclusion of the pet in family life brings responsibilities due to care and generates greater movement to perform them, a fact observed with children, adults, and the elderly.

Keywords: Pets; Human-animal interaction; Motor activity; Physical activity.

Resumen

La convivencia entre hombres y animales existe desde el principio, y esta interacción ha crecido mucho en los últimos años. Si bien en el pasado el animal era utilizado únicamente para pastoreo y vigilancia en la comunidad rural, hoy es posible observarlos conviviendo con personas dentro de sus casas y siendo considerados miembros de la familia, tanto en la ciudad como en el campo. En ese contexto, este estudio tuvo como objetivo evaluar la interferencia de los animales domésticos en la estimulación de la movilidad de las personas que viven en una ciudad del interior de Rio Grande do Sul. Para ello se utilizó un diseño observacional descriptivo de análisis cualitativo. Participaron de esta investigación 19 tutores, seleccionados del registro de vacunación de un servicio veterinario, en el segundo trimestre de 2019. Estos colaboradores, con edades entre 22 y 75 años, se identificaron como 15 mujeres y cuatro hombres; mencionaron varios arreglos matrimoniales, predominantemente casados. A través de un entrevistado semiestructurado, grabado en audio y luego transcrito textualmente, se realizó un análisis de contenido para discutir los resultados. Donde se distinguen cinco categorías de análisis: Motivación en la adquisición de la mascota, interacción, sentimiento, percepción de salud y movilidad. Se observa en el resultado del estudio que la mascota forma parte de la rutina diaria de las personas y su influencia es fundamental en varios aspectos, especialmente en lo que se refiere a la movilidad, ya que la inclusión de la mascota en la vida familiar trae responsabilidades por el cuidado y genera mayor movimiento a realizarlos, hecho observado con niños, adultos y ancianos.

Palabras clave: Mascotas; Interacción humano-animal; Actividad motora; Actividad física.

1. Introdução

A participação de animais domésticos na interação social humana acontece há milhares de anos e tem se estabelecido como sujeitos no ambiente familiar cada vez mais no mundo moderno. Em 2019, a Pesquisa Nacional da Saúde (PNS) estimou que 46,1% dos domicílios do Brasil possuíam pelo menos um canino (44,3% em 2013). A Região Sul apresentou a maior proporção (57,4%), enquanto a Região Nordeste, a menor (37,6%) (Brasil, 2020). Isso pode ser observado no contexto urbano e rural em cenas de espaços de lazer (Geraldes, 2019). Sendo notório esta aproximação de convivência na prestação de serviços a sociedade. Nesse sentido, cães (*canis familiaris*) podem ser vistos em atividades laborais com papéis específicos, como no pastoreio, na detecção de narcóticos em aeroportos, resgates de pessoas e em terapias específicas como na promoção da saúde física, social e emocional, conhecida como Terapia Assistida por Animais (TAA) ou simplesmente como companhia (Nicoletti & Manuel, 2019; Cabral & Savalli, 2020; Fischer & Zanatta, 2021).

O processo de domesticação do cão ao longo da história tem efetivado observações científicas que indicam a capacidade de ajustes às necessidades humanas de muitas maneiras sutis. De acordo com Kotrschal (2018), os torna mais facilmente socializados; sintonizados com as pessoas; são “receptores e doadores superiores de apoio social emocional”. Pode-se dizer que essa convivência despertou no ser humano um laço afetivo e desencadeou uma nova forma de existência, na qual o animal de estimação é visto como um membro da família (Aguiar & Alves, 2021). Esse comportamento de apego tem influência direta na vida diária de uma pessoa, pois o animal acaba se tornando totalmente dependente do ser humano. Eles são vistos como seres carinhosos e de companhia e, acima de tudo, como parceiros de confiança (Tatibana & Costa-Val, 2009). Chelini e Otta (2016) descrevem como os animais estão presentes na vida das pessoas nas mais diversas culturas. Em tempos atuais, em que a modernização acaba isolando os sujeitos, muitos indivíduos passam a morar sozinhos, é comum o animal preencher essa solidão. Mueller e Hunter (2019) em sua pesquisa com tutores idosos, ressalva sobre a influência dos cães como meio de interação com as outras pessoas. Esse convívio aumenta a atividade física e a frequência do envolvimento social.

É interessante observar que, embora esse tenha sido um hábito comum observado nas pessoas das grandes cidades, nos últimos anos, percebe-se uma mudança na concepção do papel dos animais domésticos dentro do contexto social de pequenas cidades, ou até mesmo em ambientes rurais, como no caso dos cães, que não apenas passam a ser utilizados no trabalho, no pastoreio e na guarda, mas também são levados para dentro de casa como companhia. Tem ocorrido uma troca de cultura significativa entre a cidade grande, pequenas cidades e o campo, transformando principalmente as comunidades menores. Outras questões interessantes a serem consideradas nestas mudanças são os processos de envelhecimento da população, a conseqüente redução das famílias, o acesso a informações pela mídia e as implicações nos costumes, que

repercutem na condição funcional e de mobilidade dos sujeitos. Essas mudanças, associadas à condição de transição sociocultural, têm trazido alguns hábitos considerados até então como essencialmente de centros urbanos (Wanderley, 2000).

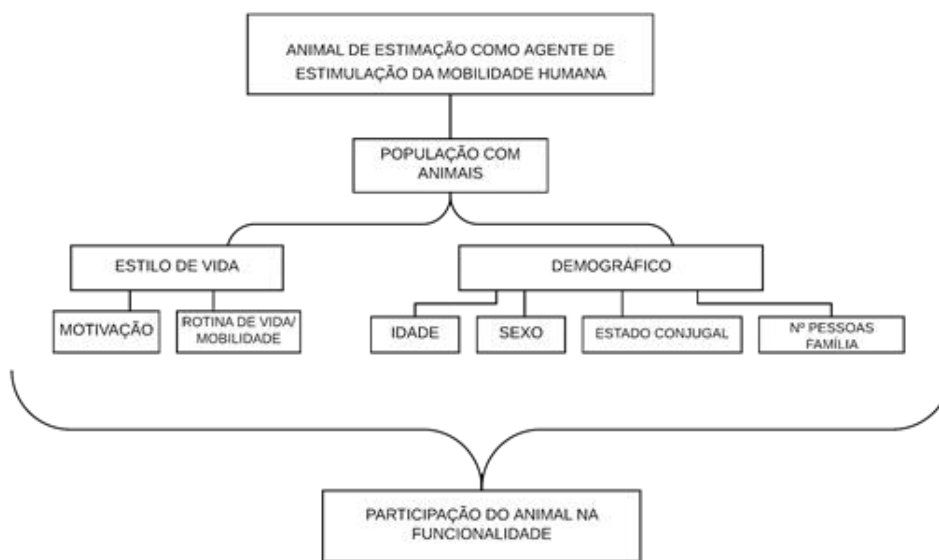
Embora seja um assunto pertinente atualmente, ainda há uma escassez na área, por isso se torna relevante identificar o quanto esses animais de estimação realmente influenciam no cotidiano das pessoas em relação à mobilidade em diferentes faixas etárias (Cabral & Savalli, 2020). Assim sendo, a questão norteadora sobre esse tema foi: de que forma os animais de estimação influenciam a rotina de vida e as demandas funcionais de pessoas de uma comunidade do interior do Rio Grande do Sul (RS) em diferentes faixas etárias? O objetivo deste estudo foi avaliar a percepção de tutores de cães residentes em um município do interior do RS, sobre a interferência do animal doméstico na mobilidade humana.

2. Metodologia

Este estudo se caracteriza como observacional com delineamento descritivo, de paradigma de análise qualitativa. (Pereira et al., 2018) Foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Feevale/Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo sob o nº do parecer: 3.739.535 (CAAE: 18667019.5.0000.5348). Participaram da pesquisa 19 pessoas, que se identificaram como tutores de animais de estimação, registrados no cadastro de vacinação do serviço veterinário de atenção à saúde animal de um município de pequeno porte no RS. A seleção foi feita de forma aleatória.

O instrumento utilizado compreendeu uma entrevista semiestruturada com questões norteadoras com base em dois indicadores: estilo de vida, que compreende as variáveis motivação e rotina de vida/mobilidade, e demográfico, com variáveis como idade, sexo, estado conjugal e número de pessoas na família, como descrito na Figura 1 abaixo.

Figura 1: Modelo teórico do estudo.



Fonte: Autores.

Este modelo teórico do estudo foi construído considerando as relações identificadas na literatura como variáveis pertinentes ao tema central da pesquisa e o desfecho participação do animal de estimação na condição funcional do tutor. Estilo de vida e fatores demográficos, de um modo geral, têm sido elencados em estudos epidemiológicos e populacionais para o entendimento das mais diversas associações em desfechos nos estudos da funcionalidade humana. Nesta pesquisa, fomentam a construção do conhecimento pertinente dos autores em sua forma de caracterizar os participantes que expressam as suas

percepções sobre o animal de estimação em suas vidas.

As entrevistas realizadas presencialmente tiveram duração em torno de 30 minutos e foram audiogravadas com o aplicativo do telefone celular. Todos os entrevistados (as) assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e tiveram o esclarecimento sobre a metodologia da pesquisa antes de iniciar o processo de investigação. Após a transcrição dos diálogos e considerando os discursos, foi realizada a leitura e posteriormente a análise do conteúdo. Neste processo, foi identificado cinco categorias de análise: Motivação na aquisição do *pet*, interação, sentimento, percepção da saúde do sujeito e sua mobilidade.

3. Resultados e Discussão

A pesquisa contou com 19 participantes voluntários, sendo 15 pessoas do sexo feminino e quatro pessoas do sexo masculino, com idade entre 22 e 75 anos. Durante as entrevistas, foi possível observar diversos arranjos conjugais, como solteiro, casado, viúva, divorciada ou que possui companheiro, sendo predominante o casado (n=10).

A composição familiar da casa dos tutores entrevistados é diversificada com crianças, adultos e idosos e de dois a seis integrantes. No entanto, notou-se que as famílias dos entrevistados são predominantes mais velhas e está mantêm um número maior de cães em sua residência, ou seja, aquelas com idosos, têm mais cães do que as famílias mais jovens. Sobre isso Carver (2020) em sua investigação, observou que tutores adultos mais velhos são os que mais resgatam animais em comunidades e os adotam, considerando a experiência uma mútua vantagem nestes processos de cuidado e tutoria, como também vantagens de saúde promovidos pela convivência humano/animal. Por outro lado, o crescimento do número de animais de estimação nas residências, têm sido demonstrados na PNS, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2019. Talvez a explicação possa estar relacionada ao envelhecimento populacional ou crescimento da população de idosos no país. De qualquer forma, nestes últimos anos, a PNS identificou animais de estimação em 33,8 milhões de unidades residenciais, com predomínio significativo nos domicílios da região sul do Brasil (Brasil, 2020).

Nesta pesquisa, à percepção de tutores de diferentes idades em relação a presença dos animais no ambiente doméstico identifica uma adjetivação ou atribuição ao papel de membros da família. Esta pode ser observada quando se referem em sua totalidade, a mesma conotação de aproximação afetiva em relação aos demais atores do núcleo familiar nomeados por eles, indicando os animais como elementos efetivos da família. Como Cabral & Savalli (2020) identificam em seus estudos na natureza do cuidado do homem com os animais de estimação em diferentes culturas ao longo da história. Da Silva Carvalho & Peçanha (2013) assinalam que a livre circulação do animal no ambiente doméstico é uma demonstração de vínculo afetivo. Dos Santos et al. (2020) em seu estudo sobre animais de estimação e a relação com seus tutores, reportam a tendência de que os pets estão ocupando um lugar dentro da família, pois muitos moram sozinho, tornando o cão um amigo, até mesmo um filho.

Motivação na aquisição do *pet*

Na literatura, o conceito de “motivação” relaciona os elementos que impulsionam o indivíduo a realizar uma tarefa ou a agir de uma determinada forma ou ter certo comportamento. Este impulso (interno ou externo) envolve fenômenos como emocionais, biológicos e sociais sendo assim um processo que direciona o comportamento humano para o cumprimento de determinados objetivos (Soler et al., 2004; De Moraes Wyse, 2018).

A motivação na aquisição do pet dos participantes desta pesquisa identificada no processo de investigação é diversificada, conforme descrito abaixo:

[...] a minha cunhada é veterinária, e na época ela tava fazendo a residência no hospital da UFRGS, e ela tratou desse cachorro que alguém achou na rua, eu acho que ele já tava bem machucado [...] e a gente pegou ele [...]. - 42 anos

[...] Ah...a gente começou a conversar nós dois [...] antes, tinha os filhos, né? Pra fazer companhia [...] hoje em dia não tem, então, a gente adotou eles pra fazer parte da família, né? [...] - 75 anos

Observa-se que as justificativas apresentadas na adoção dos animais de estimação pode ser variada, no entanto, chama a atenção quando o lugar deste é propositalmente declarado como um novo membro da família e o papel atribuído ao mesmo no contexto de vida, principalmente em se tratando de idosos. Um estudo de Yamashita et al. (2001) corrobora com as informações colhidas, pois afirma que a titulação de animal a estimação ou companhia acontece por sentimentos de afetividade e de estima que o dono nutre por seu bicho, independentemente de sua espécie. Plumed (2017), em uma amostra com estudantes universitários, identificou a afetividade como um dos motivos mais citados na adoção do pet e a priorização dos aspectos lúdicos, afetivos e de companhia na descrição da relação mantida com este.

Os entrevistados também relataram possuir animais de estimação devido a um exemplo que veio de seus pais quando criança:

[...] meus pais, quando a gente era criança sempre tinham muitos cachorros [...] só que eu nunca tinha condições, porque eu trabalhava [...] agora que eu consegui, eu fui comprei uns, e outros fui adotando. -52 anos

De acordo com Giumelli e Santos (2016) a convivência desde a infância, influencia as necessidades e a vida adulta, portanto, no decorrer da vida, continuar convivendo com cães no ambiente doméstico configura um costume peculiar. Da mesma forma, a experiência de criança pode ser repassada para os filhos incentivando outras pessoas a atuarem da mesma maneira. Neste caso, discursos relacionados a necessidade de companhia para os filhos surgem em discursos como o que pode ser identificado abaixo:

[...] mais pela companhia do meu filho, pra não ficar tão sozinho e ter alguém pra brincar [...] Ele tem 7 anos [...] - 41 anos

[...] por ter companhia por causa das crianças, sabe? [...] esse foi o motivo, porque o meu filho queria muito um bichinho de estimação [...] - 53 anos

Würidig (2014) observa que para as crianças, as relações com os pets têm o papel recreacional importante e a prioridade é brincar e se divertir. São inegáveis os fortes vínculos, o prazer, a alegria e a amizade que nutrem por esses animais. Além disso, são os parceiros que estão sempre disponíveis para passear e para alguma atividade. A brincadeira é então, parte essencial do processo de socialização entre elas e os seus parceiros, muitas vezes descritos como grandes amigos. Um estudo realizado na Ásia (Song, Hirose & Koda, 2019) demonstrou que o vínculo com animais de estimação beneficia o desenvolvimento psicossocial de crianças em idade escolar de nove a 16 anos. Dessa forma, aquelas com maior apego a suas mascotes pontuaram mais nas escalas de autoeficácia e empatia do que aquelas com menor apego ou que não tinham convivência com animais.

Um presente inesperado também foi um dos motivos apresentado:

[...] Presente de grego, ganhei de aniversário, mas gostei quando ganhei [...] – 49 anos

Em outro depoimento, é trazida a importância de uma companhia, pois à medida que as pessoas envelhecem, o sentimento de solidão é algo que pode acometer tais indivíduos:

[...] porque nós sempre gostamos de bicho, sempre gostamos de cachorro [...] e por companhia [...] - 70 anos

Atenta-se nos discursos acima, que os motivos identificados foram baseados em adoção, exemplo passado pelos pais, complementação da família e companhia para filhos, presente e companhia de idosos.

Interação

A categoria interação representa o quanto o animal doméstico interfere no cotidiano das pessoas, alterando assim sua percepção de rotina de vida e identificando as maiores mudanças que ocorreram nela.

Boa parte dos entrevistados relataram interagir um pouco com seu cão de estimação ao acordar e faz parte de sua rotina serem responsáveis por dar alimento, água, higienização, carinho e atenção:

[...] ah é 24h envolvida com eles, tanto esses, como os de rua que eu cuido [...] tu pode tá triste, tu pode tá chorando, pode tá com qualquer problema que eles tão sempre do teu lado dispostos a te ajudar. - 52 anos

[...] de manhã quando eu acordo, ali pelas 6h, eu sou obrigada a abrir lá logo pra que eles possam fazer as necessidades deles [...] daí eu trato [...] ali pelas 22h eu ia lá pra ver se tava tapada, nunca tava tapada, porque ela não aprendeu a se tapar, ela é muito grande [...] daí eu tapava ela, e ela ficava só me olhando assim [...] isso acho que durava uns 5 min, daí ela já saía [...] - 53 anos

Os animais de estimação proporcionam melhoria da qualidade de vida para as pessoas, no sentido de que eles trazem estados de felicidade, diminuem sentimentos de solidão e auxiliam na melhora de condições físicas e psíquicas (Giumelli & Santos, 2016).

Quando questionados, alguns participantes relataram que as funções são delegadas a outros integrantes da família:

[...] de manhã eu começo as 6:30, acordo bem cedinho, vou pro trabalho [...] o meu marido e meu filho que ficam em casa, saem um pouquinho mais tarde aí dão ração pros “au au” “[...] meu filho tem um ano e dez meses [...] ele é muito preocupado com a ração do “au au” [...] nós voltamos no final do dia só, e aí é onde a gente dá um pouquinho de atenção pra eles [...] a gente fica um pouquinho com os cachorros pra o nenê ir se acostumando [...] - 30 anos

Em sociedades ocidentais desenvolvidas, existe uma crença de que ter animais de estimação faz bem às crianças. Admite-se que isso promova a responsabilidade, a preocupação com os animais e o mundo natural e, desenvolva a empatia. Quando questionados, tanto os pequenos quanto os pais descrevem os *pets* como ‘membros da família’, e com frequência se referem a eles como seus ‘melhores amigos’. Muitas vezes se voltam para suas mascotes em busca de suporte e consolo (McCune & Serpell, 2012).

[...] minha mãe, que agora fica responsável [...] ela é portadora de Parkinson [...] e agora perdi meu pai recentemente, então tudo agregou um volume [...] mas o cachorro acabou virando uma ocupação pra ela, e ela se apegou muito aos cachorros [...] então, ela tem os cachorros como companhia também [...] eles são e ficaram parte integrante da família, então minha mãe tem toda agora uma rotina de cuidados com eles [...] esses dias, eu peguei ela colocando música pro cachorro dormir, por exemplo [...] eu acho que eles crescem muito, eu não vejo uma família constituída sem ter um animal de estimação [...] eles também te dão um monte de demonstração de carinho, afeto [...] acho que é muito legal ser dono de cachorro (risos). - 42 anos

Os animais de companhia estabelecem fortes vínculos emocionais recíprocos com os seres humanos. O sujeito que exerce a função de cuidador representa proteção, conforto e suporte, além de construir bases para uma relação saudável. Pode-se pensar sobre isso também em termos da relação do ser humano com o animal, pois quanto maior o afeto pelo animal, maior tende a ser o vínculo entre ele e o dono. Essa convivência parece ir além do lazer e da companhia (De Almeida, 2020). Nesse sentido, Gazzana & Schmidt (2015) sugerem que a interação do homem com o animal de estimação promove mudanças positivas no comportamento das pessoas, estimula o desenvolvimento de habilidades e o exercício da responsabilidade em diferentes culturas e contextos.

Atualmente, os animais de estimação vêm progressivamente perdendo suas tradicionais funções utilitárias, como a de caça e de guarda, sendo que novas práticas e dinâmicas sociais vêm emergindo. Nesta configuração, a interação entre os homens e os animais domesticados têm ganhado contornos afetivos, com os quais o animal de companhia elevou-se à categoria de membro da família e passa a ocupar um novo lugar social, o que pode ser percebido na fala de muitos proprietários de cães e gatos, que se referem a eles por “filho” ou “filha” (Yamashita et al., 2001).

No que se refere às interações sociais alternativas, diversas pesquisas têm mostrado que os seres humanos, especialmente os idosos, consideram seus animais de estimação membros da família (Yamashita et al., 2001; McCune & Serpell, 2012; Dos Santos et al., 2020). A relação ser humano-animal é talvez mais forte e mais profunda na velhice do que em qualquer outra idade. Carver (2020), considera que compartilhar a casa com um animal de companhia pode ter efeitos protetores da saúde para tutor.

Nesse sentido, a interação entre humanos e animais se reveste de um caráter benéfico e dinâmico na medida em que incluem não somente o aspecto da companhia proporcionada pelos animais, mas também as trocas de vivências emocionais. Numa sociedade que envelhece, nota-se, cada vez mais, a presença desta interação e o papel o qual os *pets* desempenham no convívio social. Para Machado et al. (2020) durante o envelhecimento esta parceria pode ajudar a pessoa idosa a atravessar situações difíceis, tornando os animais de estimação um suporte social, emocional e de estimulação física.

Sentimento

Compreende as representações emocionais e afetivas percebidas pelo tutor no seu convívio diário e como ele reconhece a presença do cão na sua casa. A respeito disso, Da Silva Carvalho & Pessanha (2013) nos indicam que estes assumem um papel diferenciado nas relações intrafamiliares nas residências, de modo que o proprietário identifica a sua mascote como membro da família, participando das atividades diárias, ou desempenhando algum papel que gera segurança.

As falas dos entrevistados trouxeram relatos de amor, de amizade e de consideração de um membro da família:

[...] ela é filha, né? [...] a gente sente mais amor um pelo outro, tanto por ela, quanto nos também [...] – 22 anos

[...] eles fazem parte da nossa família, né? [...] eles são nossos amigos, a gente tem bastante carinho por eles [...] – 30 anos

[...] ah... ela é o amor da minha vida, né? [...] todo muito tem muito carinho, ela é um nenê [...] ela dá vida pra casa, sem ela acho que a gente não vive mais [...] – 23 anos

Na realidade contemporânea, constata-se a redefinição do conceito e das possíveis formas de ser “família”, em vista das diferentes configurações emergentes socialmente, a saber: famílias monoparentais femininas ou masculinas, binucleares, homoafetivas, multiespécie, dentre outras. A configuração denominada multiespécie, especificamente, consiste em um grupo familiar composto por pessoas que reconhecem e legitimam seus animais de estimação como membros da família. (Braga & Oliveira, 2021) Cabe salientar que a definição atual de família leva em consideração arranjos plurais, que incluem proximidade, intimidade e vínculos afetivos, o que coloca a consanguinidade em segundo plano. Diferentes pesquisas apontam para as transformações na posição ocupada pelo animal de estimação no contexto familiar, o qual cada vez mais vem sendo considerado como um amigo, um integrante da família e, até mesmo, colocado como substituto de algum membro. Compreende-se que essa convivência tão aproximada se dá em virtude de que ambos acabam se beneficiando com a mesma (Yamashita et al., 2001; McCune & Serpell, 2012; Gazzana & Schmidt, 2015; Dos Santos et al., 2020).

A característica de companheiro também foi apresentada:

[...] o pouco de tempo que eu fico em casa ela preenche [...] ela tá sempre junto fazendo companhia [...] se eu abrir a porta o primeiro lugar que ela vai é pular em cima da cama pra acordar o meu filho [...] ela faz parte da família [...] – 49 anos

[...] hoje em dia ele é o meu parceiro, seu eu to triste ele fica me olhando, ele sabe [...] onde eu vou, ele tá junto comigo[...] - 48 anos

Um dos benefícios da presença de animais na vida das pessoas é a sua companhia. Cavalos, cães e gatos, na sociedade moderna, são referidos como “animais de companhia” por estabelecerem fortes vínculos emocionais recíprocos com os humanos. Podem auxiliar no desenvolvimento de várias habilidades e no exercício de responsabilidades, como por exemplo sendo um facilitador social, um veículo simbólico para a expressão de emoções, foco de atenção e agente tranquilizador, objeto de apego, fonte de suporte social ou até mesmo um instrumento vivo para aprendizagem de novas estratégias e formas de pensar e agir (Faraco, 2008; Da Fonseca Sapin et al., 2020).

Os idosos que convivem com animais de estimação podem se beneficiar deles. Quanto maior o vínculo com o animal, maior serão os benefícios que ele proporcionará. Em um estudo realizado por Heiden e Santos (2009), sete sujeitos idosos responderam que resolveram ter o animal de estimação para lhes servir de companhia.

[...] amor, não há outra forma de expressar melhor que isso, companheirismo [...] o bichinho faz parte da família, ele não é tratado como um animal, sabe? [...] ele tanto nos dá o carinho, quanto também recebe [...] o que tu dedicas a ela, ela te devolve em dobro [...] é um amor incondicional o amor do animal pro ser humano, não importa tua situação financeira, se tu é alto, baixo, magro, gordo, feio, bonito, rico ou pobre [...] - 70 anos

Como podemos perceber na fala acima, o pet é referenciado como elemento afetivo. E personificado nesta concepção, quando indicado como elemento familiar e na medida que o tutor enfatiza que “não é tratado como animal”. Sentir-

se amado passa a ser uma resposta na interação desta afetividade. Nesse contexto, a contribuição para um estado de felicidade, redução dos sentimentos de solidão e a estimulação das funções físicas e emocionais, traduzem a promoção da qualidade de vida. São parcerias que oferecem a complementação de um bem-estar e relações sem o medo da rejeição. Eles inspiram bom humor, alegria e brincadeiras, quase sempre muito estimulantes. Costa et al. (2009) postula que os animais cuidados por pessoas idosas têm papel preponderante na autoestima destes, percebida pelas manifestações afetivas dos mascotes traduzidas pelo sentimento de amor incondicional. Nessas interações sociais, muitas vezes o pet surge também como um “catalizador social”, na medida em que a simples presença do cãozinho, em um passeio, acaba servindo de estímulo para a conversa com outras pessoas. Assim, a ligação com os animais de estimação influencia positivamente a saúde das pessoas idosas (Costa et al., 2009).

Percepção da saúde

A percepção de saúde abordada nessa categoria refere-se ao entrevistado identificar se foi percebida alguma mudança em sua saúde após ter a presença diária dos animais em sua vida. A convivência com um animal doméstico tende a melhorar a saúde física, psicológica e emocional do homem. Alguns desses benefícios são a diminuição das tensões entre os membros da família, aumentando a compaixão inclusive no convívio social; redução do tempo de recuperação das doenças e maior sobrevivência às pessoas; estimulação à prática de atividades físicas; redução da ansiedade; diminuição significativa de distúrbios psicológicos; redução do sentimento de solidão; aumento no sentimento de intimidade; melhora da qualidade de vida; redução dos níveis de triglicérido, colesterol e pressão sanguínea; redução da frequência cardíaca; aumento do cuidado pessoal e da autoestima; aumento na produção de endorfina; diminuição na percepção de dor; aumento no número de células de defesa do organismo; redução de sintomas de depressão; diminuição do estresse acarretado por determinados eventos; redução do isolamento social e maior sentimento de segurança (Gazzana & Schmidt, 2015).

[...] a gente vive mais alegre, mais feliz mesmo, mais disposição, parece que a saúde melhorou [...] – Pinscher, 75 anos

[...] acho que interfere bastante na família, influencia no dia a dia [...] eles interagem bastante, e a gente fica em função deles [...] eu acho que isso, na família, seria muito importante de todos os lados, no emocional, físico [...] - 52 anos

Como vimos acima, sentimentos positivos dão conta de atribuições a melhoria da saúde e a interferência ou influência na rotina diária familiar também com sentido positivo e parece que na mobilização emocional e física. Sobre isso, é na aproximação, contato, tarefas diárias de cuidado e interação que surgem as percepções do efeito sentido com a presença do pet no núcleo familiar. No toque, o homem se relaciona consigo, com o mundo, formando um ser de relação que pode também se ajustar de forma criativa ao meio. Assim, um estudo relatou que, ao ter contato com seus animais de estimação, surgem sentimentos que os entrevistados nomearam de amor e carinho (Giumelli & Santos, 2016). O contato faz parte da natureza e sem ele não há vida.

[...] nós estamos descendo a ladeira em ponto morto sem freio [...] então, é muito importante pro idoso, que vai percebendo aos poucos que está se desligando da vida, que nosso momento está pra chegar [...] ainda tu tens uma emoção contigo, sabe? [...] não só, por exemplo, tu dedicares pra um animal um pouco de sentimento, mas também receber desse animal, de uma forma até ampla, geral e restrita, o mesmo carinho que tu transmite pra eles, né? [...]

ela está conosco todo dia, então esta troca de afetividade pro velho é de suma importância [...] ela chama, ela precisa [...] ela é dependente, ela é uma pessoinha [...] ela interage, ela te puxa pra tu fazer as coisas, ela chama quando bate alguém e também foge, né? [...] dai, eu já não tenho mais perna pra correr atrás dela (risos). - 70 anos

A pesquisa de coorte, realizado por Pereira et al. (2007) com 938 idosos com idade de 65 anos ou mais, identificou que aqueles que possuíam animais de estimação se reportavam menos ao médico durante o ano do que aqueles que não tinham. Este estudo verificou ainda, que os animais estimulavam seus tutores a manterem atividades físicas, principalmente em momentos de estresse.

Mobilidade

Nesta pesquisa, a categoria mobilidade procura apresentar as mudanças na vida das pessoas quanto aos benefícios físicos e as atividades que os cuidados e interação com o *pet* exige do tutor. Heiden e Santos (2009) ressaltam que, eles ajudam a diminuir o estresse, combatem a depressão e o isolamento e estimulam o exercício.

Nos relatos abaixo pode-se reparar mudanças após ter o cachorro em seu cotidiano:

[...] a ginástica que tu faz no dia a dia correndo com elas, brincando de pega pega ao redor da piscina [...] eu vou pra um lado, e quando ela vê que vai me encontrar, ela vai pro outro (risos) [...] e assim, dentro de casa também, ao redor da mesa, quando eu vejo ela me dá um suador, um cansaço [...] - 52 anos

[...] eu não ia correr dentro de casa sem ela [...] com ela eu corro, sou obrigada a correr, ela quer brincar [...] daí eu tenho que fazer a vontade dela, né? [...] - 59 anos

Estudos realizados nos Estados Unidos e na Europa mostram que a presença do animal incentiva a atividade física, tanto para levá-los aos passeios como para a realização dos cuidados diários, promovendo assim, uma redução do tempo de recuperação das doenças e uma maior sobrevivência aos indivíduos que foram acometidos por cardiopatia isquêmica e que possuem animais de estimação (Kotrschal, 2018; Mueller & Hunter, 2019; Hielscher, Ganslosser & Froboese, 2020). Quando as pessoas interagem com seus animais, falando com eles, acariciando-os ou manuseando-os, percebe-se uma redução da frequência cardíaca e pressão arterial, alcançando valores menores que os observados em pessoas na condição de repouso (Ricco & Alves, 2018).

O aumento da mobilidade também é representado pelas travessuras que o cão apronta, demandando uma maior movimentação por conta do tutor:

[...] tenho que sair correr atrás deles, tudo que eles veem eles carregam e roem [...] - 52 anos

Um animal de estimação possui necessidades básicas assim como um ser humano, porém é um ser dependente que precisa de uma demanda do tempo em prol das funções ao seu bem-estar:

[...] ao começar por alimentar ele [...] vai lá, busca comida, troca água, limpa o xixi que ele faz no jornal [...] mesmo a gente morando num apartamento, as vezes a gente corre com ele dentro do apartamento [...] a gente também passeia com ele na rua [...]. - 44 anos

[...] tem que fazer comida, tem que dar atenção pra eles, higienizar eles, né? [...] dá pra se mexer muito, né? [...] – 75 anos

Nos relatos, vimos que o cuidado diário é uma constante na atribuição de uma rotina funcional que exigem demandas físicas. Estas atribuições nas atividades diárias da vida, são significativas, constantes e demandas que se encaixam a qualquer classe de pessoas e traduzem os benefícios físicos como estimulação a exercícios, melhorando assim a mobilidade, estabilização da pressão arterial, ausência ou esquecimento do estado da dor, estimulação das funções da fala e bem-estar. Por outro lado, podem ser percebidos com leveza na rotina do cotidiano e se relaciona aos benefícios sociais, quando do aproveitamento de momentos de lazer, menor sentimento de isolamento, oportunidade de convivência e de comunicação com o animal, motivação, sentimento de segurança e de confiança (Lima & Souza, 2018).

Até mesmo aumentos modestos nas caminhadas com cães (90 minutos por semana) podem produzir reduções consideráveis em novos casos de muitas enfermidades vinculadas a estilos de vida sedentários (doença arterial coronária, diabetes, câncer de colo), podendo resultar em economias significativas em gastos com saúde. McCune & Serpell (2012) relataram em seu estudo, taxas mais baixas de obesidade entre aqueles que caminham com seus cães. Para pessoas de todas as idades, ter um cachorro em suas vidas pode ser um excelente motivador para fazerem atividades físicas.

Na análise de Ricco e Alves (2018), foi observada uma melhora da mobilidade após haver um animal de estimação nas residências dos participantes. O contato com os animais aflora um vínculo de amizade que proporciona projeções no uso de animais até como coterapeutas.

Enfim, corroborando com Da Silva Carvalho e Pessanha (2013), as relações entre homens e os animais de estimação podem ser descritas três subtipos. No primeiro deles, os autores descrevem os animais de estimação como uma extensão da pessoa, em que o comportamento do animal é utilizado para representar as características do comportamento do proprietário. E dessa forma, um cão dócil e amável com crianças dá a impressão de que seu dono tem essas mesmas características. No segundo subtipo, os animais são considerados e tratados como extensão da família. Não sendo considerados como objeto de posse, mas como um elemento ou membro familiar que participa de atividades diárias da família, como: assistir televisão, ter acesso a todos os locais do domicílio e, até mesmo, ser motivo de festas familiares. No terceiro, o pet é considerado um amigo que desperta grande apego emocional em seu tutor.

4. Considerações Finais

Pode-se observar ao final deste estudo uma predominância de pessoas do sexo feminino, com estado conjugal casado, com idades entre 22 e 75 anos, quantidade de pessoas em cada residência variando de dois a seis indivíduos e com diversidade entre crianças, adultos e idosos. A diferença de faixa etária não interferiu na importância. Todos consideram o *pet* como um membro da família. Observou-se maior aquisição de cães adotados à medida que a idade avançou, assim como quem possui animais adotados, também possui mais de dois cães na residência. Os participantes relataram ter como motivação para aquisição de seu animal de estimação a adoção, um exemplo passado pelas gerações, uma complementação da família e companhia para filhos, um presente e companhia.

De um modo geral, todos os entrevistados relataram ter interferência diária do seu cachorro em suas vidas e destinam um tempo do seu dia para interagir com ele, seja para brincar ou para realizar as necessidades básicas do animal. A convivência com os animais de estimação, em todas as falas, é permeada com adjetivos afetivos e a indicação de que fazem parte da família.

Nas entrevistas, foram trazidos fatores de maior disposição, redução de estresse, melhora da organização, melhora da saúde, vida mais ativa e o animal de estimação como um ser essencial para o convívio familiar. O incentivo à mobilidade se dá principalmente pelas travessuras que o cão apronta e pela realização de suas necessidades básicas.

Concluiu-se que ocorre uma interferência do cão como animal doméstico no cotidiano das pessoas, independentemente da idade, em que este age como estímulo para saúde humana e pode acarretar diversos benefícios para seu proprietário, sendo eles físicos ou psicológicos, o que resulta em melhora significativa em sua qualidade de vida e pode o *pet* ser considerado um promotor da saúde. Dessa forma, sugere-se que novos estudos possam ser realizados com esse tema no intuito de aprofundamento do conhecimento sobre as relações entre animais domésticos e diferentes grupos sociais na promoção da saúde e qualidade de vida de ambos.

Referências

- Aguiar, M. D. S. D., & Alves, C. F. (2021). A família multiespécie: um estudo sobre casais sem filhos e tutores de pets. *Pensando famílias*, 25(2), 19-30. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2021000200003
- Braga, S. E., & de Oliveira, P. O. (2021) Guarda compartilhada de animais de estimação. *Justiça & Sociedade*, 6(1). Recuperado de : <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ipa/index.php/direito/article/view/1155/988>
- Brasil. (2020). *Pesquisa Nacional de Saúde: 2019 - informações sobre domicílios, acesso e utilização dos serviços de saúde: Brasil, grandes regiões e unidades da federação* - Rio de Janeiro: IBGE. Recuperado de: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101748.pdf>
- Cabral, F. G. D. S., & Savalli, C. (2020). Sobre a relação humano-cão. *Psicologia USP*, 31.
- Carver, L. F. (2020). One health: fostering hope for older adults and homeless companion animals. *People and Animals: The International Journal of Research and Practice*, 3(1), 2.
- Chelini, M.O.M., Otta, E. (2016) *Terapia assistida por animais*. Barueri: Editora Manole.
- Costa, E. C., Jorge, M. S. B., de Albuquerque Saraiva, E. R., & de Lima Coutinho, M. D. P. (2009). Aspectos psicossociais da convivência de idosas com animais de estimação: uma interação social alternativa. *Psicologia: teoria e prática*, 11(3), 2-15.
- Da Fonseca Sapin, C., de Lima, C. M., da Costa, J. C., Costa, M., de Almeida, D. M., Mechereffe, B. M., & de Oliveira Nobre, M. (2020). Atividade assistida por animais: uma estratégia para pacientes com transtornos mentais. *Research, Society and Development*, 9(11), e57491110191-e57491110191. Recuperado de: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/10191/9121>
- Da Silva Carvalho, R. L., & Pessanha, L. D. R. (2013). Relação entre famílias, animais de estimação, afetividade e consumo: estudo realizado em bairros do Rio de Janeiro. *Revista Sociais e Humanas*, 26(3), 622-637.
- De Almeida, F. C. (2020). *Animais de estimação e a proteção do direito de família: ciência e afeto*. Editora Thoth.
- De Moraes Wyse, R. (2018). Motivação: teorias motivacionais do comportamento humano. *Revista de ciências gerenciais*, 22(36), 134-141.
- Dos Santos, T. S., Schmitt, C. I., Ochôa, T. L., & Mendonça, F. R. (2021). Presença de pets e sua relação com seus tutores. *Research, Society and Development*, 10(5), e37910514885-e37910514885
- Faraco, C. B. (2008). Interação humano-animal. *Ciência veterinária nos trópicos*, 11(1), 31-35.
- Fischer, M. L., & Zanatta, A. A. (2021). Social representation of animal-assisted activity in hospitals. *Revista Bioética*, 29, 615-628.
- Gazzana, C., & Schmidt, B. (2015). Novas configurações familiares e vínculo com animais de estimação em uma perspectiva de família multiespécie. In *Anais do III Congresso de Pesquisa e Extensão da Faculdade da Serra Gaúcha* (pp. 1000-1020).
- Geraldes, D. (2019). Censo Pet: 139, 3 milhões de animais de estimação no Brasil. *Revista Pet Food. ed*, 13.
- Giumelli, R. D., & Santos, M. C. P. (2016). Convivência com animais de estimação: um estudo fenomenológico. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 22(1), 49-58.
- Heiden, J., & Santos, W. (2009). Benefícios psicológicos da convivência com animais de estimação para os idosos. *ÁGORA: revista de divulgação científica*, 16(2esp.), 487-496.
- Hielscher, B., Ganslosser, U., & Froboese, I. (2020). More Than “Just” Walking: An Observational Study of Dog-Related Physical Activities. *People and Animals: The International Journal of Research and Practice*, 3(1), 7.
- Kotrschal, K. (2018). How wolves turned into dogs and how dogs are valuable in meeting human social needs. *People and Animals: The International Journal of Research and Practice*, 1(1), 6.
- Lima, A.S. & Souza, M. B. (2018). Os benefícios apresentados na utilização da terapia assistida por animais: revisão de literatura. *Revista Saúde e*

Desenvolvimento, 12(10), 224-241.

Machado, K., Krolow, M., Xavier, N., Leal, C., Gonzalez, T., Oliveira, A., ... & Thumé, E. (2020). Convívio de animais de estimação entre idosos: um estudo de base populacional no sul do Brasil. *Evidência*, 20(2), 111-120.

McCune, S., & Serpel, J. (2012). Livro de bolso do WALTHAM® sobre interações entre humanos e animais.

Mueller, R. L., & Hunter, E. G. (2019). The Intersection of Aging and Pet Guardianship: Influences of Health and Social Support. *People and Animals: The International Journal of Research and Practice*, 2(1), 3.

Nicoletti, M. A., & Manuel, P. R. (2019). Terapia assistida por animais (TAA) ou atividade assistida por animais (AAA): incorporação nas práticas integrativas e complementares no SUS. *Infarma-Ciências Farmacêuticas*, 31(4), 248-258.

Pereira, M. J. F., Pereira, L., & Ferreira, M. L. (2007). Os benefícios da Terapia Assistida por Animais: uma revisão bibliográfica. *Saúde coletiva*, 4(14), 62-66.

Pereira A. S. et al. (2018). Metodologia da pesquisa científica. [free e-book]. Santa Maria/RS. Ed. UAB/NTE/UFSM.

Plumed, A. P. (2017). *Actitudes, tenencia y vínculo con animales de compañía: relación con la personalidad, recursos y salud psicológica* (Doctoral dissertation, Universidad de Sevilla).

Ricco, A. S., & Alves, A. R. (2018). Qualidade de vida no trabalho: animais de estimação no ambiente profissional para redução de estresse. *Revista Eletrônica Estácio Papyrus*, 5(1).

Soler, A. P. S. C., Paula, D. F., Campanelli, E. A., Bazon, F. V. M., Oliveira, J. C., Ferreira, M. D. C. A., & Blascovi-Assis, S. M. (2004). Motivação e humanização: fatores de relevância no tratamento terapêutico e na formação do profissional em reabilitação. *Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento*, 4(1).

Song, Y., Hirose, T., & Koda, N. (2019). Psychosocial Impact of Pet Keeping on Schoolchildren in China. *People and Animals: The International Journal of Research and Practice*, 2(1), 4.

Tatibana, L. S., & da Costa-Val, A. P. (2009). Relação homem-animal de companhia e o papel do médico veterinário. *Projeto De Educação Continuada. É o CRMV-MG investindo no seu potencial*, 11.

Wanderley, M. D. N. B. (2000). A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas—o “rural” como espaço singular e ator coletivo. *Estudos sociedade e agricultura*.

Würdig, R. C. (2014). As crianças, os animais e suas brincadeiras: Um traço importante da cultura lúdica. *Revista Aleph*.

Yamashita, E. T., Sasaki, E. M., & Ramírez-Gálvez, M. (2001). Animais de estimação em domicílio de descendentes de japoneses em maringá (PR).